

- Eu pratico filosofia? Como? Quando? E onde? – Com quem? E se não existisse mais? –

POR GABRIEL SEIZI GANIKU

Praticar filosofia, ao meu ver, é refletir sobre tudo e sobre todos, a todo momento! Ou seja, aprimorar o seu senso crítico ao máximo para lhe ser útil como defesa contra as ilusões do cotidiano, como falácias midiáticas e discursos diplomáticos governamentais, que parecem justos, mas, no fundo – na maioria das vezes –, apenas há o interesse em doutrinar o povo conforme a demanda atual.

O ceticismo, particularmente, é crucial para o “bom funcionamento” do senso crítico em minha vida, pois, com ele, consigo duvidar da verossimilhança das informações que chegam aos meus sentidos, que, no fundo, é a própria atividade filosófica. Trocando em miúdos, o ceticismo é uma doutrina filosófica que representa a incapacidade humana de atingir uma certeza sobre a verdade, devido ao avanço científico constante e da consequente “não-consistência” das ideias mundanas, visto que sempre há novas descobertas e reafirmações sobre o que foi dito como verdade (por exemplo, a transição da Teoria Geocêntrica, que visava a Terra como centro do universo, para a Teoria Heliocêntrica, na qual o Sol é o centro e a Terra gira ao redor dele). Portanto, esta doutrina crítica a

criação e a permanência de dogmas, sem alteração com o decorrer do tempo.

Como eu citei no parágrafo anterior, a verdade é decorrente de pesquisas científicas e nunca é constante, tampouco atingida com total fidelidade. Assim sendo, a existência de ídolos, de qualquer espécie, não faz nenhum sentido, pois, ao idolatrar alguém ou algo, você automaticamente desconsidera os erros dele, tomando como verdade quaisquer atos realizados pelo mesmo (desde ações altruístas que sempre provêm o bem até crueldades inimagináveis, ou até atos pitorescos, indignos de serem chamados de mundanos). Consoante a Francis Bacon, ao idealizar alguém, você se torna mais vulnerável a possíveis ilusões, tal qual a crença numa figura política: o político tem seus lados positivos e negativos; quando ele é idolatrado, não se seleciona só as partes ruins ou boas, e sim todas elas, possibilitando a ocorrência dos mesmos erros pelo idólatra, mas tomados como o certo a se fazer. Portanto, a vivência mais correta a se empregar, tanto no meio político como social (como um todo), é não cultivar ídolos, em hipótese alguma, mas sim apoiar as ideias boas de um e de outro, mantendo-se transparente peran-

te a obsessão de uma única personagem.

Quando filósofo? A todo momento que me parece oportuno, ou seja, sempre! Por vezes, minha mente me engana e caio em algumas ciladas da vida, mas logo me recupero e volto à tona, reconhecendo meu erro e tentando não o repetir. Penso que os momentos que sinto meu ego inflar e meus desejos de inquisição crescerem dentro de mim são os melhores episódios para se pôr em prática a atividade filosófica e refletir se estas ações valem ou não o meu esforço (e o consequente vazio no bolso). O curioso é pensar que, quanto mais é aplicada a filosofia no cotidiano, menos seu ego se expande, pois vê que o real sentido da vida não é a acumulação de riquezas, conhecimento e/ou informações, mas sim a forma como vai usá-los.

A felicidade foi, desde sempre, o real sentido da vida. Entretanto, a forma como a alcançamos se distingue entre os mais variados cantos e períodos do mundo. Uns dizem que o caminho mais fácil para atingir a felicidade é se distanciar de todos e viver recluso de relações sociais, tendo a compaixão como câncer da humanidade; outros, por outro lado, lutam em prol de uma sociedade justa e unida, com a

empatia acima de tudo. Uns falam para acumular o máximo de capitais possível, e outros proferem o desapego como o segredo das pessoas felizes. Com ou sem Deus, todos os seres humanos buscam a felicidade, de formas diversas, como vimos, mas não há nada mais prazeroso que ir atrás da verdade, mesmo sabendo que ela é inatingível.

Com quem pratico filosofia? Com todos, quando tenho a devida oportunidade, tentando sempre me adequar à linguagem e forma de vida do(s) meu(s) ouvinte(s). Quando o outro é, de alguma forma, ignorante diante de ideias novas ou contrárias às seguidas por ele, tento ser o mais cauteloso possível, mantendo a calma e dosando cuidadosamente as palavras para não resultar num caos total. Já quando há uma intimidade entre mim e o ouvinte, não seguro tanto meus vocábulos e declaro minhas ideias com maior tranquilidade e relaxamento, deixando sempre muito claro que a opinião dele é muito importante para o progresso do nosso diálogo. Vindo de uma família conservadora, eu tento me ancorar a livros e apostilas sobre filosofia e psicologia para entender o pensamento de meus familiares, necessitando, logicamente, de

uma boa e longa conversação com cada um deles: mostrando meus ideais particulares e ouvindo os deles, tentando ou não os modificar, com total empatia de ambos os lados.

Não há lugar próprio para exercer a filosofia. Cada centímetro do planeta Terra e do cosmos pode suportar uma troca de experiências entre diferentes corpos (à propósito, o mundo agradece pelo desenvolvimento filosófico – com exceção às pessoas que acham a educação um desperdício de renda, é claro). Outro fato curioso sobre a filosofia é que ela está, como tento deixar bem claro para todos os meus leitores, presente em todos os lugares. Até porque, se não fosse a filosofia, nenhuma outra ciência seria criada. Foi através dela que a curiosidade de decodificar o mundo se fundou e, junto dela, todo o conhecimento disseminado hoje em dia.

E se a filosofia não existisse mais? Bom, há dois modos de interpretação para esta questão:

1. Um cenário onde nunca existiu a filosofia e nunca existirá, em hipótese alguma. Neste mundo, não seria possível a criação de escolas, academias, laboratórios, faculdades, entendimento sobre o que nos rodeia, nem autonomia individual, vivendo

sempre ao comando de um terceiro, sem nenhuma liberdade (quicá nem a do pensamento).

2. A partir de hoje, as instituições de ensino (superior e básico) se recusam a lecionar sobre questões sociais e filosóficas, com foco especial nos ramos de exatas (pois dão maior renda). Já neste cenário, um tanto diferente do primeiro, houve filosofia por muitos e muitos séculos e, de repente, ela se extingue para sempre! Será? É quanto aos conhecimentos acumulados por todos os estudiosos até então? E quanto ao calor de conhecer novas ideias e entendê-las, com tranquilidade de que são o mais próximas da verdade que chegamos até agora? Nada disso será desperdiçado, a menos que todo o povo se infectou pela negligência da filosofia, com base na suposta inutilidade no cotidiano e talvez na obtenção de lucro. Ou pior: no incentivo de acabar com a filosofia, demonstrando o cúmulo do absurdo, em uma sociedade sub/desenvolvida (conforme o padrão mundial), onde as *Fake News* se espalham de um modo nunca visto antes.

GABRIEL SEIZI GANIKU - 2º ANO DO E.M. - PROFª LUÍS PHELLIPE DANTAS

Cidades sem almas

Luís Carlos Bedran*

As cidades são como as pessoas: elas possuem caras, personalidades, almas. O mundo moderno tornou-se pequeno depois que a comunicação entre os seres humanos se tornou instantânea. O tempo reduziu-se. No entanto, o contraste é sentido. O espaço não se modificou, ainda continua o mesmo tal como há milhares e milhares de anos.

Essa instantaneidade aparente, espaço-tempo, leva-nos à falsa impressão de que, embora haja intenso intercâmbio cultural no mundo todo, na verdade as diferenças entre as cidades, e, por consequência entre seus habitantes, estão muito mais profundamente enraizadas do que se pensa.

Para se comprovar isto basta apenas, por um determinado período, isolá-las umas das outras no tempo, e aí, à falta de alternativas, elas refluem tal como eram no passado, idênticas, muitas vezes, assim como as pessoas, infladas de preconceitos, que o verniz da civilização tentou esconder, mas que não sepultou definitivamente.

Entretanto, com a estandarização mundial de tudo e de todos, as cidades estão perdendo suas características essenciais que fazem com que elas se diferenciam das demais, e isso não é bom. Elas estão tornando-se cidades sem almas. É preciso exaltar a diferença, porque se perdermos a identidade, perderemos tudo.

As cidades possuem suas

antigas ruas, com nomes de vultos do passado ou de moradores falecidos que acrescentaram algo aos seus enterrâneos e justamente por isso foram homenageados. Algumas possuem monumentos, casas tombadas pelas pessoas interessadas na preservação da história; outras ainda conservam seus antigos mercados ou as construções, algumas em ruínas, de suas abandonadas estações ferroviárias; outras, suas praças, seus coretos e suas centenárias árvores.

A padronização de uma cidade tão somente para, como dizem, “acompanhar o progresso”, podem levá-las à extinção de sua história, de sua própria alma. Crimes ambientais cometem-se à beça, a pretexto da modernização de tudo. Um grande erro, muitas vezes de difícil, se não de impossível reparação.

Logo perderemos também nossa língua, nossas tradições, nossos costumes. Hoje, visitar uma cidade, com algumas exceções, é como se já a conhecêssemos há tempos. Nada a diferencia das demais: um verdadeiro deserto. Não há nada de típico, do local, de produto da terra.

Nas maiores os shoppings são todos iguais — quem conheceu um shopping apenas, conheceu-os todos, sem que seja preciso fazer esforço algum. Lojas da mesma rede, franquias, encontradas em todo o lugar. Nas menores, então, que poder-se-iam

nelas encontrar a diferença, é aquela monotonia, parecendo até que seus moradores têm vergonha de nelas habitarem, quando deveria ser o contrário, muito orgulho mesmo.

Algumas pequenas cidades faziam questão de ser apelidadas como hospitaleiras. É que no passado seus moradores acolhiam os visitantes, mas de tal forma, tão carinhosamente, que eles mesmos acabavam por se sentir tão integrados nelas quanto os autóctones, ou até mesmo mais. Fixavam residência, encontravam trabalho, constituíam família. É nunca mais as deixavam.

É que a hospitalidade, nos vários povos, desde remotas eras, sempre foi considerada sagrada. O viajante, o peregrino, em suas andanças, seja de negócios ou para cumprir preceitos religiosos, percorria léguas e léguas, passava privações, mas depois eram recebidos e abrigados numa tenda ou numa cabana simples, habitadas por pessoas a eles desconhecidas.

E a reciprocidade também era tida como sagrada. Essa tradição, mais do que milenar, depois foi ampliada a países e cidades, cujos migrantes e imigrantes eram recebidos de braços abertos. Em nosso país, os cientistas e desbravadores dos sertões nos séculos passados enfatizaram muito a acolhida amiga que sempre tiveram, mesmo nas casas humildes de caboclos que os hospedavam, dividindo até entre

eles, irmanamente, as poucas provisões que tinham.

A alta autoestima dos moradores deveria sempre comunicar-se às suas cidades, porque elas aí também teriam maior orgulho de si mesmas, maior amor-próprio. Georges Rodenbach (1855-1898), em “Bruges, a Morta”, disse que “As cidades, sobretudo, têm assim a sua personalidade, um espírito autônomo, um caráter quase exteriorizado que corresponde à alegria, ao amor novo, à renúncia, à viuvez. Toda cidade é um estado de alma e basta demorar-se nelas um pouco para que esse estado de alma se comunique, se nos propague num fluido que se inocula e se incorpora com a nuança do ar”.

Raymond Williams (1921-1988) em “O campo e a cidade” (2011) faz uma comparação e contraste entre o campo e a cidade. O campo associa-se à paz, inocência e virtudes simples; mas também, um lugar de atraso, ignorância e limitação. A cidade, o centro de realizações, de saber, comunicações e luz; mas também um lugar de barulho, mundanidade e ambição.

Cidades são como gente: possuem cara, personalidade, caráter, amor-próprio, orgulho e vaidade. Quantas mesmo já não morreram?

Têm aquilo que não se vê, mas se sente. Espírito, alma. Pobres daquelas que não as possuem.

*Sociólogo

Silenciosa, hipertensão pode causar graves danos à saúde

Regional Araraquara da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo ressalta a importância do controle e tratamento da doença

Comemorado nesta sexta-feira, 17 de maio, o Dia Mundial da Hipertensão dá espaço para que números alarmantes sejam discutidos no âmbito da saúde pública. Em torno de 30% dos adultos brasileiros têm pressão alta. Apenas metade desse contingente é diagnosticada e tratada corretamente.

A cardiologista Argenzia Mestria Bonfa, presidente da Regional Araraquara da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo, esclarece que, apesar de silenciosa, a hipertensão pode gerar graves consequências aos pacientes. “Tratando-se a pressão alta, previne-se o Acidente Vascular Cerebral [AVC], infarto e aneurisma da aorta, dentre outras complicações”.

Ela explica que, muitas vezes, os pacientes não têm qualquer sintoma. Nos casos em que há manifestação, eles podem ter náuseas, dor na nuca, vertigem e cefaleia, por exemplo. “Ao sentir esses sintomas, deve-se medir a pressão e verificar se há oscilação. É importante ressaltar que o check up médico é essencial. A partir dos 30 anos, os pacientes já estão procurando os cardiologistas para controle”, salienta a especialista. Como em boa parte dos casos não há sintomas ou eles não são muito evidentes, a adesão ao tratamento também não é grande.

O paciente é considerado hipertenso quando sua pressão medida no consultório é maior ou igual a 14 por 9 mmHg, ou quando a média das medidas obtidas em casa é superior a 13,5 por 8,5 mmHg.

O melhor caminho para o combate à hipertensão é a prevenção. “Devem-se eliminar os fatores de risco, como tabagismo, alimentação inadequada, obesidade, sedentarismo, colesterol e triglicérides elevados, excesso de consumo de sal e álcool, estresse e diabetes”, afirma o Dr. José Francisco Kerr Saraiva, presidente da Socesp. Uma avaliação médica periódica é a principal medida para se deixar a pressão nos níveis ideais.

FESTIVAL DE PRÊMIOS

Rua Voluntários da Pátria, 4331 - Santa Angelina ☎ 3335.2777

Dia 17/05

a partir das 19h30

TOTAL DE PREMIAÇÕES:

R\$ 5.000,00